

# Uma Abordagem Sociolinguística da Identidade Estrangeira

**ELIANA MÁRCIA DOS SANTOS CARVALHO**

Mestre e doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) - PUC/  
SP. Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité.  
elianacte@gmail.com

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...

C. Veloso

## **Resumo**

Este artigo foi escrito com base nos estudos desenvolvidos durante o curso de doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), na PUC/SP, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Antonieta Alba Celani e procura relatar a experiência de dois estrangeiros que fixaram residência no Brasil. Serão descritas angústias e dificuldades que estas pessoas encontraram no processo de adaptação na nova realidade. Serviram de base teórica para este artigo os trabalhos de Hall (2001), Norton (1997), Rajagopalan (2005), entre outros pesquisadores. Para obter respostas aos meus questionamentos utilizei entrevistas semiestruturadas como instrumento de pesquisa e pode-se afirmar que o sotaque é uma das marcas mais fortes para manter a identidade de não nativo.

**Palavras-chave:** Identidade. Linguagem. Sotaque.



**p/urais**  
PALAVRAS EM UNIVERSIDADE

Salvador, v. 1, n. 3, set./dez. 2010; v. 2, n. 1, jan./abr. 2011; v. 2, n. 2, maio/ago. 2011; v. 2, n. 3, set./dez. 2011; v. 3, n. 1, jan./abr. 2012; v. 3, n. 1, maio/ago. 2012; v. 3, n. 3, set./dez. 2012; v. 4, n. 1, jan./abr. 2013; v. 4, n. 2, maio/ago. 2013; v. 4, n. 3, p. 26-36, set./dez. 2013 (Edição Especial)

## Introdução

O modo de agir de cada pessoa em determinado ambiente social é o reflexo do que ela pensa, sente e acredita. As particularidades de cada um diferenciam os indivíduos entre si e a sua identidade está circunstanciada para além do que ele faz. O conhecimento de mundo faz com que aos poucos as pessoas se modifiquem adotando atitudes e pensamentos que os diferenciam e os identificam de maneira particular em determinado contexto social. A condição de vida, a religião, a profissão, a opção sexual e os costumes pessoais revelam a identidade que cada um constrói ao longo do tempo.

A construção da trajetória pessoal envolve conflitos, adoções e lutas particulares que podem resultar num indivíduo que exerce diferentes papéis de acordo com o contexto em que está inserido. Em vários momentos da vida e em espaços específicos, a dessemelhança de ambientes e papéis que exercermos é inevitável: filha, mãe, irmã, professora, etc., e em cada um deles agimos de acordo com o que a múltipla identidade exige. A presença do “outro” é de fundamental importância nas construções pessoais para que cada indivíduo perceba as suas características individuais. Através da percepção das suas características e a de outro alguém, é possível entender e construir a individualidade, aquilo que nos diferencia das outras pessoas.

A palavra identidade nos remete à subjetividade, à multiplicidade e à reflexão. Neste artigo tratarei especificamente da identidade de dois estrangeiros que se instalaram no Brasil nas duas últimas décadas. Motivos bastante distintos trouxeram essas pessoas a viverem neste país, que segundo elas, tem a diversidade e a liberdade de expressão como características favoráveis para ambientar qualquer estrangeiro.

A primeira estrangeira é natural do Panamá e aqui chegou para estudar medicina veterinária. Instalou-se na cidade do Rio de Janeiro na década de 1970. O segundo estrangeiro, oriundo de Buenos Aires, constituiu família e instalou-se numa cidade do Recôncavo Baiano em meados dos anos 90. Ambos falam espanhol, mas também falam inglês fluentemente.

Para escrever este artigo, foi realizada uma entrevista (em anexo) com ambos, e através dela, informações muito interessantes foram obtidas.

Os dois entrevistados deixaram explícito que encontraram condições favoráveis de adaptação à nova realidade, porém nos diversos ambientes onde transitaram quando chegaram, encontraram dificuldades nas relações sociais principalmente por causa do idioma. A princípio a Língua Portuguesa ainda não era conhecida de ambos, o que dificultou o compartilhamento de idéias e a troca de experiências, além do crescimento emocional e intelectual de ambos. Aos poucos esta dificuldade foi diminuindo – por causa da semelhança da Língua Portuguesa com o Espanhol – e a interação social foi acontecendo naturalmente.

A seguir esboçarei o perfil de cada participante deste trabalho.

## 1 Brasil – o conhecimento do novo e as dificuldades

CONEXÃO BRASIL–PANAMÁ – A participante deste trabalho, de origem panamenha, vive no Brasil há mais de 30 anos, é professora universitária de Inglês e declarou que já aprendeu a língua portuguesa quando adulta, aos 19 anos. Ela sentiu muita dificuldade de adaptação, porque precisava **estudar** em português as disciplinas da faculdade sem conhecer o idioma. Então começou a utilizar estratégias para se comunicar: passou a tomar café e fumar durante os intervalos das aulas para se incluir no grupo e assim poder trocar idéias sem se preocupar com a “norma correta” do novo idioma. Preocupada com a aparência, começou a usar um lençinho tipicamente latino para se “misturar” com os brasileiros. Desta forma, ela sentia que estava incluída naquele grupo de estudantes. Como teve dificuldades com o novo idioma, foi reprovada em quase todas as disciplinas do primeiro semestre. Apesar de demonstrar que sabia o conteúdo não tinha como expressá-lo na Língua Portuguesa. Com relação a afetividade, a participante demonstrou que a língua espanhola é muito forte em suas ações, pois a utiliza para se relacionar de forma mais íntima com os filhos e os irmãos. É em Espanhol também que ela faz as orações e, quando necessário, para brigar também. Quando perguntada se sentia que fazia parte desta nova cultura, a entrevistada demonstrou dificuldades para responder, sinalizando que a sua identidade é caracterizada por uma mistura de culturas, nenhuma sobressai a outra, ressaltando que a sua maneira de comportar e vestir são completamente brasileiras. Em determinado ponto da entrevista, a panamenha declara, que apesar de já morar no Brasil há quase trinta anos eu sempre precisei sentir que eu era uma estrangeira. Eu sempre fiz questão de não perder a minha identidade, falando com sotaque. Eu sempre quis me comunicar e me fazer entender deixando claro que sou estrangeira pelo meu sotaque. Morando no Brasil por tanto tempo, foi preciso fazer a carteira de identidade brasileira. Neste trecho da entrevista, percebo uma forte resistência por parte desta panamenha, pois para ela, a partir daquele momento, estaria apagando a sua identidade de origem, deixando mais distante a sua história de vida como nativa do Panamá. A naturalização só aconteceu em 2009. Quando retornou à terra natal, o conflito identitário foi inevitável: a visão de mundo era outra, porém os costumes e os hábitos alimentares e culturais mostraram a força panamenha. Os conterrâneos perceberam que o seu sotaque estava diferente e isto a incomodava. Em contrapartida,

[...] pelo fato de eu ter estudado num colégio americano, a minha identidade panamenha é muito diferente de um panamenho típico. Então desde cedo eu me sentia diferente lá. Só descobri que falava espanhol com sotaque quando fui estudar na capital, porque onde eu morava, Chiriqui, me comunicava em inglês. Inclusive tenho pouco conhecimento da história do meu país. Quando

voltei ao Panamá pela primeira vez, cheguei a usar roupas mais formais e maquiagem para me sentir identificada como nativa.

CONEXÃO BRASIL–ARGENTINA – o segundo participante das reflexões deste artigo é de origem buenairense e vive há 12 anos no Brasil, no interior da Bahia; técnico em eletromecânica e professor de espanhol (sem formação) em escola particular, disse que ouvia música brasileira e lia reportagens em português antes de aqui chegar. Veio ao Brasil de férias por um curto período e quando retornou a Buenos Aires começou estudar a língua portuguesa com uma brasileira que nunca tinha ensinado a sua língua materna. A língua espanhola serviu para dar suporte estrutural à nova língua e para ele, a disparidade entre ambas é muito pequena. As expressões de duplo sentido e as gírias eram difíceis de serem utilizadas e também de serem compreendidas. Em outro período de férias no Brasil, conta o argentino:

Quando desembarquei no aeroporto de Salvador e subi num taxi, tive a sensação de ter perdido tempo e dinheiro com minhas aulas de Português. O que aconteceu? Não estava entendendo nada do que o taxista falava. Foi uma circunstância real de comunicação: o taxista estava de costas para mim, eu não via seus gestos e expressões faciais nem ouvia direito o que falava.

Hoje em dia este argentino fala, escreve e estrutura suas idéias pensando em Português. Diferente da panamenha, ele afirma que não ocorrem alternâncias significativas entre os dois idiomas no seu cotidiano, apesar de manter o um forte sotaque. Isto só acontece quando ele fala bastante e muito rápido nas aulas de espanhol que ministra num cursinho pré-vestibular, ou trata de assuntos que não fala habitualmente. Quando respondeu a questão a respeito de pertencimento à cultura brasileira, ele afirmou com veemência sentir-se integrante desta sociedade e desta cultura. Em retorno à terra natal sentiu-se identificado como nativo e ele afirma:

Reconheço que usar expressões da língua materna é uma experiência libertadora por nos fazer colocar pra fora um sentir muito particular com a certeza de estar utilizando a expressão certa na hora certa sem correr o risco de errar.

## 2 Teoria x realidade

Com o objetivo de analisar as situações de identidade dos dois estrangeiros apresentados acima, levo em consideração a importância do contexto e da língua(gem) nas situações descritas.

Rajagopalan (2005, p. 67) afirma que a linguagem deixou de ser pensada como um fenômeno pronto e acabado (como queriam os teóricos no auge do estruturalismo). As mudanças que aconteceram no modo de agir e pensar dos dois entrevistados depois do contato com a nova língua foram determinantes na estruturação da nova identidade como estrangeiro no Brasil. Para ambos, a preservação do sotaque foi de fundamental importância para continuarem sentindo que eram estrangeiros fazendo cair por terra, nesta situação, a teoria do essencialismo, pois a linguagem não é imutável e a adaptação ao novo é inerente ao ser humano que vive suscetível a mudanças.

A identidade faz-se perceptível nas atitudes e na reorganização dos pensamentos e conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da vida. Aliada à língua, que pode ser um dos maiores fatores para identificar o indivíduo, está a cultura e a postura que é assumida com relação a essa língua. A cultura também ilustra os traços mais fortes de uma determinada identidade, pois as roupas, os gestos e o comportamento identificam determinadas pessoas e comunidades. Os entrevistados neste trabalho enfatizaram a importância da língua mãe em suas vidas até os dias atuais, apesar de viverem tanto tempo longe de casa, mesmo tendo incorporado a cultura brasileira na vida cotidiana.

Norton (1997, p. 410) afirma que, “[...] identity relates to desire – the desire for recognition, the desire for affiliation, and the desire for security and safety”.<sup>1</sup> A panamenha afirmou que uma das estratégias utilizadas para se sentir “igual” no grupo de estudantes, foi começar a fumar. Utilizando o cigarro como estratégia de aproximação, ela “trocava” informações e aprendia o idioma; na realidade ela não tinha o hábito de fumar, mas trazia sempre um maço de cigarros à vista para que as pessoas se aproximassem e assim pudessem se conhecer. O desejo de se sentir incluída, de fazer parte daquela nova cultura era muito forte e essa atitude lhe dava segurança para continuar desenvolvendo os estudos. Mais adiante, Norton (1997, p. 411) diz que:

Because the right to speak intersects in important ways with a language learner’s identity, I have used the term **investment** to signal the socially and historically constructed relationship of learners to the target language and their sometimes ambivalent desire to learn and practice it.<sup>2</sup>

---

1 Identidade se relaciona com o desejo - o desejo de reconhecimento, o desejo de filiação, e o desejo de proteção e segurança (tradução minha).

2 Como o direito de falar interrelaciona de forma importante com a identidade de um aprendiz, tenho usado o termo investimento de longo prazo para sinalizar a relação social e historicamente construído dos aprendizes com a língua-alvo e seu desejo às vezes ambivalentes para aprender e praticá-la. (tradução minha)

A situação vivida pelos dois participantes deste trabalho deixa clara a importância da língua nas questões de identidade. A panamenha diante das dificuldades de relacionamento e inserção social observou quais seriam os fatores marcantes que fariam com seus colegas a procurassem e mesmo não sendo fumante e não tendo o hábito de tomar café, adotou estas atitudes para se sentir fazendo parte daquele grupo social. Esta foi a estratégia encontrada por ela para manter o contato direto com a língua portuguesa. O argentino, depois das férias procurou aprender português com uma brasileira, para não passar dificuldades de compreensão quando aqui retornasse. Ambas as situações levam-me a questionar: Será a língua fator determinante para definir a identidade de uma pessoa? Está bastante claro que a partir do momento que tiveram contato com a nova língua as atitudes dos estrangeiros modificaram seu comportamento e postura ante alguns fatos sociais, no intuito de aprender português para que a inclusão social acontecesse. A identidade social de ambos mudou no tempo e no espaço (contexto). Isto foi ilustrado quando eles retornaram à terra natal e perceberam as diferenças do falar ao fazerem comparações entre eles mesmos e os seus conterrâneos.

Aqueles que conheceram a panamenha antes de sua vinda ao Brasil, poderiam questionar: por que agora ela toma café? E o cigarro? Como se justifica, aquele maço de cigarros sempre visível no uniforme, mesmo sem ela ser fumante? Com relação ao argentino, porque aulas de português se ele nunca estudou esta língua e o espanhol nos é suficiente para comunicar? Estas questões remetem de forma direta à importância do “outro” na construção da identidade. O “outro” nas duas situações apresentadas é o povo brasileiro e o novo contexto em que esses dois estrangeiros passaram a viver e tudo aquilo que os levaram a modificar suas atitudes com a intenção de adaptarem-se àquela nova realidade. Ambos foram impulsionados pela motivação e desejo para aprender a nova língua.

### **3 A linguagem e o contexto – diferenças significativas para o estrangeiro**

Quando argentino relata o seu desespero ao entrar num taxi no aeroporto de Salvador por não compreender nada que o taxista dizia – apesar de um ano de estudos de português com uma professora brasileira – percebe-se a importância do contexto e da entonação num ambiente de aprendizagem de língua. O fato de ter passado um ano tendo aulas diárias de português com uma brasileira na Argentina, tinha criado nele segurança para interagir na nova realidade. “A língua molda e reflete uma identidade social” (MORGAN, 1997, 432): esta assertiva vai de encontro com a autoconfiança que o argentino acreditava ter adquirido depois de ter estudado português por tanto tempo. Foi preciso tempo e convivência para que ele adquirisse a confiança e

segurança necessárias para interagir fazendo-se entender e entendendo o que lhe era transmitido. Observemos a fala abaixo:

Quando desembarquei no aeroporto de Salvador e subi num taxi, tive a sensação de ter perdido tempo e dinheiro com minhas aulas de Português. O que aconteceu? Não estava entendendo nada do que o taxista falava. Foi uma circunstância real de comunicação: o taxista estava de costas para mim, eu não via seus gestos e expressões faciais nem ouvia direito o que falava.

Esta colocação do participante argentino refere-se ao contexto de cultura descrito por Halliday (1985 apud MORGAN, 1998, p. 436) em que ele ressalta a importância do texto dentro de um contexto e afirma que a entonação reflete o contexto e as reflexões das percepções sociais. Além desta dificuldade encontrada no aeroporto, ele fala das expressões de duplo sentido e das gírias. Ele tinha conhecimento da língua, mas estas expressões não eram por ele compreendidas, pois o contexto em que elas eram usadas não era conhecido por ele.

#### 4 A importância do sotaque

O desenvolvimento da identidade é dinâmico. Na vida social ela é construída, negociada e transformada em uma base contínua de significados de linguagem.

Quando a panamenha enfatiza a importância da utilização do sotaque para identificar-se como estrangeira, fica claro que ela não quer perder a sua primeira identidade. Isto também é observado quando ela foi naturalizar-se. Para ela, naquele momento estava ocorrendo uma perda de identidade: *A identidade social é uma representação, relativa à posição do mundo social, e, portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento* (PENNA, 2002, p. 93). Ela tinha a impressão que a partir daquele momento ia deixar de ser identificada como natural de outro país. O reconhecimento como estrangeira é de suma importância para os dois participantes deste trabalho, apesar de já se considerarem parcialmente brasileiros e fazerem parte desta cultura.

“A partir das diferenças, apreendidas como propriedades inerentes, estabelecem-se categorizações e atribuem-se identidades estabelecendo-se uma demarcação social – quem é quem” (PENNA, 2002, p. 92). Conscientemente os entrevistados fizeram uma demarcação social para que sempre fossem identificados como não brasileiros. A manutenção do sotaque como marca de identidade como estrangeiro era de fundamental importância para os dois entrevistados, pois assim eles acreditam que não vai acontecer o “desenraizamento”; o seu local de origem será sempre reconhecido no novo ambiente social, porque a língua permite isso. Desta forma, eles se

fizeram situar na posição de “diferente” na nova realidade que passaram a viver, levando-os a serem identificados como tal.

Ainda que os participantes deste trabalho retornem à sua terra natal e reencontrem o modo de vida e as práticas culturais idênticas ao período de quando de lá saíram, enfrentarão uma nova realidade por causa das experiências vividas e aprendidas aqui no Brasil. Isto se dá porque estas vivências ganharam nova significação na medida em que eles se confrontaram com a nova realidade.

## 5 Raízes construídas no Brasil

Além de terem se adaptado à nova realidade, os participantes formaram uma rede de relações sociais e profissionais que os fazem sentir valorizados e acolhidos aqui no Brasil. Tanto a panamenha quanto o argentino constituíram família e estão empregados. O fato de não serem brasileiros e ter fluência em outra língua, facilitou a colocação profissional. A panamenha foi convidada a dar aulas de inglês em um Instituto de Formação de Professores (ela foi alfabetizada e fez o primeiro grau tendo a Língua Inglesa como primeira língua) no Estado onde reside atualmente. Mais tarde teve o seu contrato renovado e tornou-se professora efetiva. Desta forma, sua vida profissional mudou completamente por causa da Língua Inglesa. Ela fez o curso de medicina veterinária. Atualmente faz o doutorado em Linguística Aplicada para aprimorar os conhecimentos e manter-se atualizada, ela afirma.

O argentino quando aqui chegou estava desempregado. A única coisa que poderia fazer era dar aulas de espanhol para manter a família, segundo ele. Assim, procurou as escolas particulares da cidade onde morava e logo foi contratado. Ele afirma que não gosta de dar aulas, não gosta de se expor, mas graças ao espanhol, conseguiu uma posição social e profissional e é identificado como “aquele argentino que dá aulas de espanhol na escola tal”.

Esses estrangeiros adotaram o Brasil e nossa cultura, mas neste processo de adoção sofreram muitas transformações e algumas recriações foram necessárias. Uma delas foi o falar que precisou ser modificado e adaptado, para facilitar a convivência na nova realidade.

Com base nos relatos, observamos que ambos conseguiram encontrar o seu lugar aqui no Brasil: tanto um lugar físico como social. Penna (2002, p. 108) afirma:

Há, portanto, um estreito vínculo entre a construção de identidades e as condições de existência, a cultura e as relações sociais. Isto não exclui a possibilidade de elaboração pessoal da realidade, mas esta tem sua flexibilidade limitada, pois

se dará pela manipulação dos referenciais disponíveis na sociedade determinada em que o indivíduo vive em um dado momento histórico.

Os dois estrangeiros deste trabalho souberam aproveitar as condições que o país lhe ofereceu e construíram sua nova história e sua nova identidade.

## 6 O estrangeiro no Brasil

A população brasileira foi constituída por estrangeiros oriundos das mais diversas partes do mundo. O resultado desta mistura é um povo acolhedor e pacífico, e talvez isto se dê pelo fato dos brasileiros se enxergarem no outro por causa da multiplicidade racial que constitui esta nação. Como questiona o sociólogo Stuart Hall, “processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada”. (HALL, 1992, p. 9-10) Atualmente podemos observar uma população mista, porém fragmentada, e esta fragmentação pode estar sendo causada pela modernidade, como aponta o autor.

Os participantes deste trabalho já se consideram parcialmente “brasileiros” por causa da interação social, da história de vida e do tempo de permanência neste país, pois

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 1992, p. 11).

Os fatos que se sucederam na vida dos dois estrangeiros aqui apresentados, ajudaram a formar a sua identidade de estrangeiro no Brasil, no entanto um fator é preponderante para a manutenção do “eu real”: o sotaque que ambos fazem questão de manter e externar ao se expressarem verbalmente. Além disso, muitos sentimentos e hábitos culturais foram adotados por ambos, o que os torna de maneira direta, mais associados e naturalizados com o povo brasileiro.

A fragmentação citada anteriormente pode ser percebida na identidade da panamenha, quando ela relata os diversos momentos em que usa a língua portuguesa, a língua inglesa e a língua espanhola distintamente para se comunicar. Cada língua é utilizada em circunstâncias diferentes e muitas vezes, isto gera conflito interior nesta pessoa. Em várias situações aqui no Brasil, ela tenta se expressar em português, mas tem dificuldades e considera uma “perda de tempo” a necessidade de ter que raciocinar duas vezes para fazer a mesma operação mental, como acontece com as operações matemáticas. A fragmentação é notada pela diferenciação de

atitudes em circunstâncias distintas. Já com o argentino, esta fragmentação não é tão perceptível, pois ele afirma realizar as operações mentais tranquilamente em português e age naturalmente sem dificuldades nos ambientes e situações mais diferenciadas possíveis.

O sujeito pós-moderno citado por Hall (1992) é visivelmente identificado nos participantes deste trabalho, pois a todo o momento eles assim se mostram, sem identidade fixa e/ou permanente. A impressão é que eles estão em constante mudança no âmbito social, principalmente a panamenha, com a alternância constante na utilização de idiomas.

Os participantes deste artigo são dois exemplos convincentes do sujeito do mundo globalizado em que hoje vivemos. Esta mistura de falares e de cultura ao mesmo tempo em que traz perdas significativas, também apresenta os ganhos. Ambos colaboram com a riqueza cultural do nosso país, apesar de terem perdido em alguns aspectos, principalmente, no aspecto afetivo na família de origem e com os amigos. A separação geográfica levou-os a distanciarem-se voluntariamente de um grupo social para serem agentes e autores de sua própria história em outro país.

## Considerações finais

A partir da análise das entrevistas, pude concluir que a identidade “brasileira” dos colaboradores aqui apresentados, é muito semelhante à sua identidade nativa, e que ambos fazem questão de conservar o sotaque para serem identificados como estrangeiros. Eles já se consideram parcialmente brasileiros devido à incorporação da cultura e por falarem português com naturalidade sem encontrar dificuldades na convivência profissional e pessoal.

Muito ainda pode ser dito a respeito da identidade do imigrante no Brasil e este trabalho levou-me a refletir a respeito do processo de adaptação dos estrangeiros que aqui chegam ansiosos pelo novo. Ao mesmo tempo eles transformam a realidade e vão sendo transformados de acordo com as condições que encontram e com as particularidades pessoais que trazem consigo. As mudanças sociais e culturais estão ocorrendo no mundo de forma rápida e estamos ficando cada vez mais unificados, sendo difícil manter nos dias atuais, características singulares de uma identidade que poderíamos chamar de autêntica.

## Sociolinguistics Approach of Foreign Identity

### Abstract

This paper was written during the doctoral studies in Applied Linguistics at PUC-SP with my supervisor Professor Celani. Here I want to describe the experience of two foreign who are living in Brazil. Some anxieties and difficulties faced by them in this new reality. As theoretical base for this research it was used the studies of: Hall (2001), Norton (1997), Rajagopalan (2005), among others. In order to get some answers for my questions, I used semi-structured interviews as a research tool and it is possible to say that the accent is one of the strong marks for to maintain the non-native identity.

**Keywords:** Identity. Language. Accent.

## Referências

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORGAN, B. Identity and intonation: linking dynamic process in an ESL classroom. **TESOL Quartely**, Alexandria, v. 31, n. 3, p. 431-450, 1997.

NORTON, B. Language, identity and the ownership of English. **TESOL Quartely**, Alexandria, v. 31, n. 3, p. 409-429, 1997.

PENNA, M. Relatos de imigrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. M. (Org.). **Políticas em linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Mackenzie, 2005.

### Correspondência

**ELIANA MÁRCIA DOS SANTOS CARVALHO**

**Rua Progresso, 91 - Centro**

**46400-000- Caetité - BA**

**Tel. (77) 3454-2627**

**elianacte@gmail.com**

*Recebido em 27.01.2012*

*Aprovado em 13.04.2012*

